

# A MÍSERIA INFANTICIDA

Por um Itabirano

Vigário F. Angelo de Almeida

Itabira, 14 de Dezembro de 1887

Transcrição e revisão por **Mateus Roque da Silva**

O texto foi publicado, originalmente, em formato folhetinesco, pelo pequeno periódico semanal “*A folha Sabarense*”, no município de Sabará (MG), entre 1º de janeiro e 19 de fevereiro de 1888. Atualmente, o periódico encontra-se integralmente digitalizado e disponibilizado pelo *site* do Arquivo Público Mineiro (APM). O texto encontra-se diluído em meses de informes noticiados pelo jornal, sendo, até o presente momento, não replicado em nenhum outro meio de comunicação e divulgação científica ou literária, justificando seu resgate no cenário literário brasileiro contemporâneo.

## Capítulo I

Era uma tarde de novembro, mês em que a natureza ostenta sua luxuosa vegetação debaixo de um céu azul e límpido depois de alguns dias de temerosa inverçada.

Os campos cobertos de verdes relvas, nas matas vestidas de folhagem multicolor, mostravam que a natureza se achava em festas.

A brisa soprava fresca, como para acalmar o calor sufocante de um sol tropical, que havia queimado ao meio dia.

Tudo era vida, tudo beleza, tudo encanto nessa zona de Minas Central, onde ocorrera a triste e verdadeira história que vamos narrar.

Ali, na encosta da montanha havia uma cidadezinha, cujas casas pequenas e sem arquitetura formavam ruas tortuosas nas quais raras vezes transitava passante.

O seu comércio oscilava com a alta ou a baixa do café; nos dias santificados o movimento era relativamente maior, por que os fazendeiros ali vinham para o jogo, para a orgia e ... para os negócios.

Lá no meio da povoação estava um pardieiro, imundo como a cocheira de desmazelado criador, era a cadeia; edifício mal construído, baixo, úmido, fétido e escuro, onde se detinham os desgraçados criminosos.

Em triste e acanhada cela, cumpria sentença, desde alguns anos, uma mulher moça ainda mais indiferente ao festival da natureza, ao ar mefítico da prisão ou a brisa regeneradora das campinas; se alguém perguntasse seu nome, todos responderiam: é a *infanticida*.

## Capítulo II

Acocorada a um ângulo de sua fria morada, com o rosto oculto entre as mãos, ela acimava: que pensamentos ferviam em seu cérebro, que desejos atormentavam seu coração só Deus o sabe; talvez desejos de liberdade, por que a desgraçada, além de prisioneira, era *escravizada*.

De repente gira em seus gonzos a porta da cela e um homem mal encarado, de horripilante catadura, entra; com voz seca e insolente, como quem está acostumado a tratar com ladrões e assassinos, brada: Maria. Está cumprida tua sentença, levanta e despacha-te.

A pobre infeliz ao ouvir a primeira palavra ergue a cabeça, e reunindo toda as forças, exclama: Ah! . . . e meu Senhor?!

— Nada sei de teu senhor, paga-me a carceragem e desocupa o lugar . . .

Maria com custo levanta-se e sua figura desenha-se no fundo escuro do cárcere.

Era uma rapariga de vinte dois anos e parecia contar mais; a prisão quase a tinha envelhecido.

De estatura alta, cabelos negros e bastos, que se lhe caíam preguiçosamente sobre os ombros, fronte larga e altiva, olhos de azeviche e de um brilho admirável, rosto encantador, lábios algum tanto grossos e que ocultavam duas ordens de dentes perfeitíssimos, tez morena, aproximando-se mais do vermelho que do escuro, Maria continha em suas veias o sangue português, africano e indígena.

Seu porte era franco e leal, mostrando possuir uma força de vontade até o sacrifício, uma nobreza até a fidalguia.

Tal era a pobre mulher, a quem todos davam o odioso nome de *infanticida*.

Ao ver-se seus olhos banhados em lágrimas e rodeados de um círculo roxo, a palidez de seu rosto adorável, um sentimento de admiração e de dó dominaria qualquer coração, menos o do ríspido carcereiro, que era incapaz destas doces emoções.

### Capítulo III

Ouvindo as palavras, que lhe foram dirigidas, a mísera reclusa levanta-se titubeante, arrasta-se mal segura até outro canto, ajunta alguns cobres que possuía de reserva, paga o carcereiro e sai ...

Na porta principal do edifício um sopro de brisa beija-lhe os cabelos, o derradeiro raio do sol evolve-lhe o rosto, iluminando-o, um amargo sorriso pairou nos lábios e, sem saber para onde, ela parte ...

Atravessa cambaleando todas as ruas, sem forças, quase desfalecida e trêmula encosta-se à porta e bate, mas uma vez reconhecida é enxotada; bate à segunda, à terceira porta, de novo reconhecida é enxotada ...

Repelida por todos, sem abrigo que a recolha, sem um coração que dela se compadeça, olha para o caos, exala um doloroso suspiro e exclama:

— Meu Deus, basta de castigos, tende dó de mim e guiai-me! ...

Maria se interna pela primeira viela que o acaso lhe depara.

A noite envolvera a terra com seu manto negro, as estrelas, testemunhas das mágoas dos mortais, brilhavam no firmamento e derramavam sobre os campos uma luz baça, que mal clareia o caminho e ... Maria andava.

Perdido o hábito de viajar por causa da longa reclusão, sentia que suas pernas enfraqueciam-se; devorada pela febre via espectros em cada árvore ou em cada pedra; mas era preciso andar e ... Maria andava.

Em três horas de viagem apenas tinha vencido uma légua!

Depois .... Negras nuvens envolvem os céus, medonha escuridão cobre a terra, relâmpagos e trovões se sucedem; aqueles fuzilavam em todos os sentidos, estes bombardeavam, como enormes canhões, fazendo estremecer o solo; era porém forçada a andar e ...

Maria andava.

Nem uma choupana, nem um rancho, nem uma coberta, nem uma gruta, onde se abrigar, era, pois de absoluta necessidade andar e ... Maria andava.

Rasgam-se as cataratas dos céus, e um dilúvio d'água e granizo despeja-se sobre a terra e Maria sempre andava.

## Capítulo IV

À distancia de duas e meia léguas da cidade havia uma aldeiazinha cujas modestas habitações só estendiam em larga rua, havendo no fim desta uma capela elegante, dedicada ao Orago do curalo.

O capelão era um sacerdote respeitável; que entre bons hábitos adquiridos no Seminário ainda conservava o de madrugar.

Os aldeões eram pela sua maior parte lavradores e gostavam de ouvir a missa antes de começar o trabalho. O bondoso capelão, para satisfazer a piedade de seu povo, nos dias de trabalhos celebrava ao romper d'alva. Era seu costume dirigir-se muito cedo para o santuário, abrir as portas, tanger os sinos para despertar o sacristão e os fiéis que quisessem assistir o incruento sacrifício. Uma manhã, depois de grande chuva durante a noite, antes de meter a chave na fechadura tropeça em um corpo estranho estendido sobre a calçada da igreja.

A escuridão da madrugada não lhe deixa ver o que seria aquilo.

Recua, anima-se de novo, inclina-se e reconhece um corpo humano!

Sem mais detença salta o cadáver, entra na capela, acende um coto de vela e volta.

Vê estirado na lápide o corpo de uma mulher, frio, hirto, coberto de andrajos impregnados d'água.

Examina, toma o pulso, ausculta e exclama cheio de alegria:

— Ah! pobre mulher, vives ainda! Pois bem, é preciso salvar-te! ...

Em um instante toda a aldeia corre ao rebate do campanário; homens, mulheres e meninos deixam as casinhas.

Em pé no limiar da capela, tendo uma vela na mão, estava o caridoso ministro de Deus.

Ao chegarem os primeiros aldeões disse com um sorriso angélico.

— Meus filhos, encontrei aqui esta infeliz, ela vive, conduzia para minha casa!

Minutos depois duas venerandas matronas, irmãs do sacerdote, prodigalizavam maternais cuidados à pobrezinha apanhada na calçada da capela.

## Capítulo V

Três dias se passarão em que a enferma esteve entre a vida e a morte.

À força de dedicação, amor e carinhos a desgraçada recuperara em uma semana a saúde; estava mais forte que antes.

Era, pois, necessário partir.

Dirige-se á seu benfeitor e com os olhos cheios de lágrimas lhe diz.

— Senhor, agradecer os vossos benefícios é superior às minhas forças! O que devo fazer para mostrar-me grata á vós e às vossas irmãs?!

Á estas palavras o virtuoso sacerdote levantou os olhos para a infeliz e pela primeira vez reparou em seu belo rosto e em seu nobre porte; entendeu então que diante de se não tinha uma mulher vulgar, não, essa desgraçada que encontrara quase desfalecida, que recolhera em sua casa, que salvara da morte certa, não era uma mulher perdida que a paixão, o vício o crime tinham coberto de andrajos: ali havia algum mistério!

Minha filha, disse, nada tendes de me agradecer; louvai a Deus que é o pai de nós todos.

— Oh! como sois bom! Se no mundo houvessem corações, senão como o vosso e os de vossas irmãs ...

— Quereis mostrar vossa gratidão? Pois bem, minha filha, amai a Deus, sede boa e virtuosa.

— Senhor, nunca cometi uma ação má. Nunca afastei-me da senda do dever, entretanto tenho sido tão desgraçada ...

Os soluços interceptaram a voz da pobre mulher.

— Sois tão honrado, Senhor, vós e vossas irmãs, que ainda não me perguntastes quem eu sou, donde venho e para onde vou ... Se me derdes licença eu vos contarei minha dolorosa história.

Sentado junto de suas irmãs o bondoso sacerdote ouviu comovido a seguinte narração feita pela *miseria infanticida*.

## Capítulo VI

Antes de tudo devo dizer-vos: eu sou escrava.

Meu Senhor possui uma imensa fazenda de café, que não deve ser longe d'aqui; tem á seu serviço grande número de negros.

Eu fui nascida e criada ali.

A felicidade bafejou minha infância; a minha Senhora era a mais santa e ao mesmo tempo a mais carinhosa das mulheres.

Educou-me do mesmo modo que as suas filhas: o mesmo amor, o mesmo carinho, a

mesma dedicação. Nada havia de distinção entre mim e minhas senhoras moças; como estas eu dava aquela boa mulher o doce nome de mãe.

Ela formou meu coração nos sentimentos do dever e da honradez, ensinou-me a trabalhar, para no futuro, dizia ela, sendo necessário, eu viver à custa do suor do meu rosto.

Doze anos tinha eu, e a minha educação, aquela que eu podia aspirar como escrava feliz, já estava completa.

Nessa ocasião baixou a sepultura minha senhora, ralada de desgostos, com que a torturava seu desumano marido.

Com ela foi sepultada também minha felicidade e minha paz.

Desde esse dia, duas vezes lutuoso para mim, o crepe de minhas vestes se estendeu e cobriu o horizonte de minha vida. Sim, desde esse dia sou uma desgraçada! ...

Na minha infância perdera minha mãe, que sucumbiu dilacerada pelo azorrague do feitor, eu não teria, portanto, quem se interessasse por mim, si não fora uma de minhas senhoras moças! Ah! essa me amava como a uma irmã e eu a amava, como meu anjo tutelar!

Percebi que, depois da morte de sua esposa, meu senhor me olhava com uns olhos de crocodilo; eu, inocente, tremia sem saber por que: o meu coração pressagiava-me qualquer desgraça.

Finalmente aquele homem me fez compreender suas criminosas intenções; indignada eu o repeli, porque tinha medo da desonra e da infâmia.

Depois de novas invectivas eu concebi horror daquele monstro.

Ah! Meu senhor era também ... meu pai!

Pai desnaturado, pai sem entranhas, porque queria transformar sua filha em ... amante!

Vencido pela minha constante e formal recusa, meu senhor e ... meu pai despedia de seus olhos chispas infernais e sua boca espumava como a do cão hidrófobo.....

O castigo e a vingança me esperavam.

## Capítulo VII

Manda para o cito com os negros, o feitor foi recomendado para me não poupar.

Tenho as costas rasgadas pelo chicote e todo o corpo crivado de cicatrizes das unhas de ferro e das algemas!

Ah! que horrível martírio, que tortura diabólica!

Nem as súplicas, nem as lágrimas, não minhas, por que eram de uma condenada, mas de minha senhora moça puderam abrandar o coração de seu pai e aliviar minhas dores.

No cafezal eu trabalhava desde a madrugada; na capita colheita minha tarefa era igual à do mais robusto negro, e si á tarde não dava conta de todo o trabalho, pobre de mim! Medonhas vergastadas choviam sobre meu enfraquecido corpo, obrigada a completar o serviço até alta noite e depois ... depois o tronco até o trabalho do dia seguinte!

Atormentada por tamanhos suplícios que se prolongaram por mais de um ano, eu somente achava consolo no pensamento da morte que muitas vezes me parecia próxima.

Não fora eu educada nos princípios da piedade e do temor de Deus, que teria dado cabo de uma vida que me era pesadíssimo fardo!

Entretanto, maiores desgraças me aguardavam.

## Capítulo VIII

Apesar de meus aturados trabalhos eu tinha tempo para dizer a furto duas palavras a minha senhora moça.

Um dia, que eu dispunha de mais alguns momentos, reparei com angustiosa surpresa que a pobre menina estava muito enferma. O brilho de seus olhos se empanara, a cor avermelhada de seu rosto fora substituída por uma polidez de cadáver. A minha mágoa foi profunda.

Inconscientemente atirei-me a seus braços; nossas lágrimas se misturaram e os nossos soluços se confundiram!

Triste consolação experimentei: eu tinha uma companheira de sofrimentos!

Eu ignorava ainda que sorte de pesar minava a existência de minha senhora moça.

Depois de muitas súplicas e juramentos ela confiou-me o seu terrível segredo.

Ah! ela era mais desgraçada que eu!

A filha de meu senhor tinha iludido às vistas paternas e conservava em seu seio o fruto de sua leviandade!

Era o último mês e eu a única depositária desse vergonhoso segredo!

Passados dias eu fui removida do eito para servir de enfermeira a minha senhora moça que, se achava de cama; ela exigira de seu pai esse favor!

A providência estendia seus braços benévolos sobre a pobre infeliz. Correm os dias e, a proporção que se aproxima o desenlace, o meu coração se aperta, presenciando a turbação da mãe!

Diante do meu espírito surgiam muitos pontos de interrogação que, como acerados punhais, o rasgavam:

Como guardar o segredo?!

Como enfim evitar a desonra de minha senhora?!

Pensei .... Meditei ... e concebi um plano, o melhor, a meu ver, e agarrei a ele como o náufrago à primeira tábua que encontra em mar tempestuoso.

## Capítulo IX

Uma noite eu desperto aos gritos agudos de minha senhora; de um salto pus-me junto de seu leito: eram as dores precursoras do parto.

Meia hora não havia passado, uma criancinha estava em meus braços; envolvi-a em mantilhas previamente por mim preparadas e, depois de a beijar vinte vezes e de apertá-la a meu peito, recostei-a ao lado da mãe, a qual se achava nas melhores condições possíveis.

Eu própria me admirei da perícia que desenvolvia neste serviço.

Uma parteira provecta não o faria melhor.

Cumpria-me executar sem perda de tempo o plano de salvação para a mãe e filho.

Para esse efeito eu precisava da coadjuvação de uma pessoa de confiança, que residia na fazenda e a quem eu ainda não tinha dito coisa alguma.

Saltei a janela do quarto, atravessei um pequeno curral e bati a porta de meu auxiliar.

Decepção horrível! Essa pessoa se achava ausente!

Quase perdi a coragem. Indecisa por um instante, resolvi executar sozinha meu plano, ainda que tivesse de comprometer minha honra ou minha vida, contanto que não compromettesse a honra de minha senhora e nem a vida de seu filho.

Voltei sobre meus passos.

Ao chegar perto da janela ouvi um gemido estranho, eriçaram-me os cabelos e de um salto pus-me dentro do quarto ao pé do leito da enferma.

Meu Deus! Que se passara em minha ausência?!...

Olhei para a mãe e ela me fez medo; seus olhos despendiam chamas, seu semblante



descomposto me horripilava! ... Neste instante vi a criancinha agitar os braços e abrir a boca, inclinei-me repentinamente, ai! O que verifiquei?! ...

A mãe tinha estrangulado o filho. ... Quiz gritar, mas a voz não me saiu da garganta! Quiz atirar-me contra aquela hiena e matá-la também, mas uma barra de ferro me prendeu ao chão!

Um tremor convulso ascendeu todo meu corpo, senti-me desfalecer e .... tombei.

## Capítulo X

Não sei quanto tempo permaneci naquele estado.

Quando acordei o primeiro pensamento que tive foi salvar a honra da mãe, uma vez que não pude salvar a vida do filho.

Sem dizer uma só palavra tomei o corpo da criança, saltei de novo a janela, atravessei com precaução o curral e terreiro, cheguei a porteira que dava para o pomar, meti-me por entre as árvores e deparando com uma enxada, abri sepultura para o pobre anjinho no lugar que se me deparou mais afastado e mais seguro.

Estava quase alegre com a boa obra que vinha de fazer, todavia aquele infanticídio me horrorizava e eu tinha medo de sua autora, cuja honra eu acabava de salvar,

Então vi que a aurora começava a romper era, pois, urgentíssimo recolher-me a casa para não ser apanhada pelos negros e feitores, que não tardavam a subir para o eito.

Voltei; vinte passos não tinham dado quando ouvi uma voz atrás de mim.

— Espere aí, Maria ...

A trombeta do juízo final não me assustaria tanto!

Quiz correr, mas não pude, estava pregada à terra; desejava que esta se abrisse para me engolir.

De repente um homem toma a minha dianteira e brada-me:

— Que fazias tu ali a estas horas?!...

Nada mais ouvi.

## Capítulo XI

Era alto dia, quando voltei a mim! Estava algemada em um palheiro e vigiada por horrendos negros, armados de faca e cacetes.

Eu era acusada de ter dado à luz a uma criança que matei e sepultei!...

Não me atrevo a dizer o que sofri até o outro dia em que chegou a polícia para tomar conhecimento do meu crime!

Fui interrogada, mas era meu dever calar-me e ... sofrer.

Eu não tinha direito de perjurar e desonrar minha senhora.

Esta foi encontrada louca em seu leito, a notícia de minha prisão abalou seu enfraquecido cérebro e ela perdeu a razão.

Dois meses depois faleceu, sem ter um só momento de lucidez.

Conduzida para o cárcere eu fui convencida de infanticídio, julgada e condenada a seis anos de prisão.

Como passei esse longo tempo em minha cela, só Deus o sabe, contudo eu me julgava duplamente feliz, por que não havia traído a fé jurada, e me achava descansada dos maus tratos e da perseguição, embora conhecida sob o nome de *infanticida*.

Na véspera do dia em que fui encontrada sem sentidos na porta da Capela desta povoação o carcereiro me anunciou o termo de minha prisão, apresentando-me a portaria de soltura; eu saí da cadeia e, em busca da fazenda do meu senhor, não sei como vim parar aqui.

Eis aí, meus benfeitores, a triste história da infeliz que vós recolhestes a vossa casa.

## Capítulo XII

Maria calou-se. O bom sacerdote e suas irmãs derramavam copiosas lágrimas. Depois de pequeno silêncio a infeliz rapariga disse:

— Senhor, agora deves completar vossa obra de caridade, mandando mostra-me o caminho da fazenda de meu senhor.

— Não, responde o caridoso varão, nunca mais haveis de voltar a aquela casa. Custe o que custar não quero, não consinto que se recomece vosso martírio ...

— Mas eu sou escrava, devo voltar a aquele que me possui ...

— Não, não ireis. Basta querida filha, basta de sacrifícios elevastes o dever até o heroísmo.

Deus está contente de vossas mágoas. Agora é a ocasião das recompensas!

— Mas, se eu for agarrada em vossa casa como evadida do cativo?!...

— Acharei um meio de impedir que isso aconteça. Ficai sossegada filha. De hoje em diante fazeis parte desta família ...

Palavras não tinham sido ditas quando bateram à porta do presbitério: dois capitães do mato, trazendo ferros e açoutes procuravam uma mulata que se refugiara em casa do capelão cura. Este nega-se a entregá-la e depois de forte discussão resolve acompanhar os capangas a fazenda do poderoso senhor.

Partiram os três. Poucas horas passadas apeavam na varanda do carnicheiro tanganhão.

O desejo desse miserável era que a mulata viesse amarrada a cauda dos corcéis, e como suas ordens não foram cumpridas um chuveiro de imprecações receberam os dois covardes capangas!

Uma palavra do sacerdote bastou para estancar na boca daquele potentado a corrente de bÍlis que extravasava de seu nojento coração.

O apóstolo da caridade conferenciou longamente e a sós com ele.

O que se passou entre eles ninguém o sabe; o que é certo é que depois apareceu o sacerdote sempre calmo e o fazendeiro com semblante medonho.

Um ostentava o porte nobre e majestoso do leão o outro o ódio e a traição do tigre; um a paz e a felicidade do arcanjo, o outro o desespero e a perfídia de demônio!

— É sua última palavra, Senhor? Disse com desprezo o Sacerdote.

— Sim, responde o outro.

— Pois bem; tenho economias; quanto quer por sua escrava ou por sua ...?

— Dois contos de réis.

— Passe a escritura.

Depois de lhe ser entregue um papel, o santo Capelão tira da carteira alguns relatos de notas e as arroja com desdém sobre a mesa, apostrofando:

— Aí tem o preço de seu sangue; peça aos céus que esse maldito dinheiro não contamine sua fortuna.

## Capítulo XIII

Três anos se passaram depois dos acontecimentos que vimos de referir.

Quem da aldeia se dirigisse pela estrada leste, em uma distância de dois quilômetros havia de ver uma chácara muito simpática e alegre encostada a um bosque.

Era uma casa tão alva, como as asas da garça; na frente um jardim coalhado de flores; do lado esquerdo um bonito pomar, em que as variadas árvores frutíferas foram plantadas com simetria; estendendo-se até um regato que, semelhante a enorme serpente de vidro, tinha a cauda escondida no seio do bosque e a cabeça nos confins da campina; no lado direito um curral onde baliavam cordeiros e cacarejavam galinhas; além de uma extensa pastagem, onde mugiam as vacas e saltitavam os bezerros; tudo isto fazia daquela vivenda uma habitação encantada que fascinava o viajante.

Era o reino da paz e da felicidade!

No momento em que visitamos esse belo Éden encontramos três personagens sentados debaixo de um caramanchão, ao lado do jardim.

Era tardinha, e o sol dourava com seus raios de fogo os cumes das colinas.

No fundo, em uma cadeira de cipós, feita com arte, estava um sacerdote, cujos cabelos grisalhos eram beijados pela brisa; sustentava em seus joelhos uma robusta e gentil criança de dez a doze meses, que arrimada pelos bracinhos, saltava e ria-se a perder com as carícias do velho.

De lado, recostado sobre uma varanda de flores, estava em pé um guapo moço de trinta anos mais ou menos, tez morena, olhos vivos, cabelos e barbas negras e anelados, altura regular, elegante de corpo, em cujo rosto raiava uma alegria celeste; parecia extasiado com o porte venerado do sacerdote, com as gargalhadas do menino e com a beleza de uma mulher que sentava-se de outro lado.

Era sua esposa.

Ela por sua vez erguia os olhos ternos e amorosos, ora para o esposo e ora para o filhinho.

Um sorriso brincava em seus lábios.

De atitude nobre e altiva parecia fidalga; seus cabelos negros caíam sobre as espáduas em duas tranças, cujas pontas estavam presas por um laço de fita azul, seu rosto moreno era levemente rosado.

Podia contar vinte e cinco anos.

Inebriada de ventura ela volta-se para o sacerdote e diz-lhe

— Ah! Meu pai, como sou feliz! ...

— Tu o mereces, minha filha, teus infortúnios foram sem conta.

— A recompensa de hoje é mil vezes maior que as mágoas de outro tempo! ...

O ancião apontando para o céu responde.

— A Deus toda glória.

Se me devesse alguma coisa, eu te pediria que a restituíesses em amor á teu marido e em carinho a teu filho.

O esposo que ainda se conservava em silêncio interveio:

— Maria o teu pago de sobejo, meu pai, nenhuma mulher é mais digna esposa e nem mais terna mãe.

Ah! Eu também vos devo muito por que sois o autor de minha felicidade,

Quando eu amo e sou amado, só Deus sabe!...

## Capítulo XIV

Os nossos leitores já terão reconhecido alguns destes personagens.

O magnânimo Capelão – cura da aldeia, no mesmo dia em que recebera a escritura de Maria, restituíra-lhe a liberdade.

Um ano depois um dos melhores rapazes do povoado, trabalhador honesto e probo, tendo-se enamorado da santa e heroica rapariga, a desposou.

Aquela encantadora propriedade era o produto das economias de ambos, e de um pequeno dote que o sacerdote ofereceu a sua boa menina, como a chamava, por ocasião do casamento.

Deus tinha abençoado essa união, dando a esse par um filhinho adorável.

Todos os domingos o bom sacerdote ia jantar com seus protegidos, que tratavam-no pelo amável nome de pai.

Maria e seu esposo eram felizes porque se amavam loucamente, e estavam no caminho da fortuna porque trabalhavam e viam seus bens multiplicarem-se

Depois dos repetidos comerciantes e financeiros o ex-senhor de Maria foi obrigado a chamar seus credores e entregar-lhes casa, terras criações e escravos. Pouco faltou para que fosse dar com os costados na cadeia como ladrão.

O maldito preço de seu próprio sangue havia contaminado sua fortuna!

Os bens adquiridos com o suor dos escravos têm a propriedade de abandonar seu possuidor, largando-o coberto de lama e de sangue e marcado como o ferrete da infâmia e da ignomínia.

**Mateus Roque da Silva**

Bolsista FAPEMIG, mestrando em Letras – Literaturas de Língua Portuguesa –, Licenciado e Bacharel em História pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). E-mail: mateusroques@yahoo.com